

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Da capitania de São Jorge dos Ilhéus à Costa do Cacau: a memória como subsídio na construção de um produto turístico GLS

Astor Vieira Júnior*

Pricilla de Souza Andrade*

Resumo

A Costa do Cacau, sul da Bahia, outrora Capitania de São Jorge dos Ilhéus, tem encarado a atividade turística como uma possibilidade econômica. Seu patrimônio cultural, que abarca mais de 500 anos de história, entre outros feitos, abriga uma inusitada memória de práticas divergentes a heteronormatividade que antecede a chegada dos colonizadores, percorrendo até a contemporaneidade. Como a atividade turística se faz por meio da segmentação, a região, que tem buscado no turismo uma saída para os problemas da cacauicultura, poderia se beneficiar tornando-se um pólo de turismo cultural voltado ao público GLS, pois, além de efetuar maiores gastos com a atividade, tal segmento possui elevados índices de escolaridade, emprego e renda.

Palavras-chave: Memória - Turismo GLS – Costa do Cacau.

Abstract

The Coast of the Cacao, south of the Bahia, long ago Large estate of Is Jorge of the Ilhéus, has faced the tourist activity as a economic possibility. Its cultural patrimony, that more than accumulates of stocks 500 years of history, among others facts, shelters an unusual memory of practical divergent the heterosexual norm that precedes the arrival of the colonist, covering until the present time. As the tourist activity if makes by means of the segmentation, the region, that has searched in the tourism an exit for the problems of the cacauicultura, could be benefited becoming a polar region of come back cultural tourism publishes GLS to it, therefore, beyond effecting greater expenses with the activity, such segment possess high indices of pertaining to school formation, job and income.

Word-key: Memory - Tourism GLS - Coast of the Cacao.

Considerações iniciais

Para muitos analistas vive-se um novo momento da história do desenvolvimento capitalista, onde se modificam as relações entre os setores econômicos e sociais. Nesse sentido, o turismo é uma atividade econômica influenciada pela tentativa de elaboração de novos parâmetros que conceitualizam desenvolvimento como um processo viável e socialmente justo.

* Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e Mestrando em Cultura & Turismo pela UESC. Bolsista FAPESB. E-mail: astorvieira@yahoo.com.br.

* Graduada em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e Mestranda em Cultura & Turismo pela UESC. Bolsista FAPESB. E-mail: pricillandrade@yahoo.com.br.

Segundo Cooper et al. (2001:483), as previsões de turismo para este século apontam para mudanças da prática enquanto atividade de massa para um consumo mais individual e específico, onde a principal tendência é a criação de produtos dirigidos. Deste modo, surge a necessidade da “verdadeira segmentação do mercado de turismo”.

No bojo dessas discussões, o segmento formado pelos homossexuais, masculino e feminino, tem cada vez mais exigido participação política, social e econômica, referendado, sobretudo, no pressuposto que a homossexualidade é uma característica humana, construída cultural, histórica e discursivamente (FOUCAULT, 1983).

Trata-se de um público relativamente numeroso e que geralmente tem um estilo de vida mais consumista. Quase sempre sem filhos e gastos tradicionais com família, os *gays* e lésbicas são vistos desta forma enquanto segmento de mercado turístico.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que, além das belezas cênicas naturais, a ex-Capitania de São Jorge dos Ilhéus, que abrange municípios como Ilhéus, Itacaré e Canavieiras, que hoje, por conta da crise da cacauicultura, tenta buscar na atividade turística uma possibilidade econômica, poderá se tornar num destino turístico para o público GLS, se importantes fatos que compõem a sua história forem adequadamente resgatados e associados ao seu patrimônio natural na construção de um produto de turismo diferenciado.

Essa região, que possui uma rica memória historiográfica, abriga entre tantos fatos relevantes o registro de práticas homossexuais em seu território que, se convenientemente interpretados, poderá se tornar num valioso componente na construção do destino como um produto de turismo GLS.

No resgate historiográfico utilizamos como fontes primárias documentos do CEDOC – Centro de Documentação da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, e de alguns trabalhos que se debruçaram sobre o tema.

Da Capitania de São Jorge dos Ilhéus à Costa do Cacau

O mapeamento das regiões turísticas da Bahia foi um procedimento do órgão oficial de turismo do estado – Bahiatursa – em consonância com a legislação federal e diretrizes do Ministério do Turismo, realizado no início deste milênio, objetivando o fomento da atividade através da regionalização, uma das exigências do Plano Nacional de Turismo – PNT. Entre as zonas turísticas implementadas, está inclusa a Costa do Cacau.

Abrangendo os municípios de Canavieiras, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Santa Luzia, Una e Uruçuca, a Costa do Cacau, que se estende por cerca de 180 km de faixa litorânea no sul da Bahia, em boa parte coberta pelo ecossistema da Mata Atlântica e de praias pouco

exploradas, já foi território dos *Tupiniquin* e *Aimoré*. Sua colonização remonta aos anos trinta do século XVI, quando o rei de Portugal, D. João III, dividiu o Brasil em 15 capitanias hereditárias.

Segundo Gabriel Soares de Souza em seu *Tratado Descritivo do Brasil* de 1587, (*apud* SALES, 1981:21), o Rei de Portugal deu uma das capitanias a Jorge Figueiredo da Costa, escrivão de sua fazenda, “a qual se começa da ponta da baía de Salvador, da banda do sul, que se estende da ilha de Tinharé [...] e vai correndo ao longo da costa 50 léguas”.

Seu primeiro donatário jamais pisou em solo brasileiro, mandou em seu lugar para tomar posse da capitania Francisco Romero, que em 1535 ancorou na ilha de Tinharé, onde ergueu, após guerrear contra os índios bravios, uma povoação no alto do morro de São Paulo. Nasce a primeira povoação da capitania dos Ilhéus.

Entretanto, Francisco Romero achou o lugar inadequado, sobretudo por conta das invasões dos índios e da expansão do povoado, instalando o novo espaço onde hoje se localiza a cidade de Ilhéus “[...] em torno da qual, de imediato, foram construídos engenhos na tentativa de inserir a Capitania no circuito comercial da economia colonial” (GUERREIRO e PARAÍSO, 2001:14).

Na busca de outras possibilidades econômicas para a capitania ao final do século XVIII foram introduzidas novas culturas, entre as quais cacau e café, responsáveis por uma lenta mais gradual mudança econômica e social (RIBEIRO, 2005).

Também é Ribeiro (RIBEIRO, 2005:25) que nos aponta a controvérsia sobre a introdução do cacau em terras da capitania. Para o autor a referência mais antiga sobre o cultivo do cacau da Bahia data de 1655, quando “o vice-rei D. Vasco de Mascarenhas solicitou garfos brotados e amêndoas a Paulo Martins Garro, capitão mor-do Grão-Pará”. Sinaliza ainda, que outros autores afirmam que o cacau “foi trazido do Pará, em 1746, por um francês chamado Loius Warneaux e plantado inicialmente na Fazenda Cubículo, à margem direita do rio Pardo”, no atual município de Canavieiras. Em 1754, após sucessivos donatários e em quase completo abandono a capitania voltou a pertencer à coroa portuguesa.

Já na metade do século XIX, as ricas famílias de Ilhéus já possuíam extensas plantações de cacau. Os antigos engenhos e serrarias foram transformados em prósperas fazendas, feitas com mão-de-obra escrava. Nas primeiras décadas do século XX, nos assinala o autor, que quando o cacau tornou-se o mais importante produto de exportação da Bahia “vários fazendeiros de origem humilde, proprietários de vastas plantações de cacau e de importantes casas comerciais tornam-se os novos ricos da sociedade baiana” (RIBEIRO, 2005: 50).

As obras de escritores como Jorge Amado e Adonias Filho, concomitantemente com o cacau, que projetaram a ex-capitania de São Jorge dos Ilhéus para o Brasil e para o mundo, sobretudo, quando outras mídias deram novas roupagens às produções desses autores.

Ao longo do século XX a riqueza do cacau, fruto da cobiça e do poder, passou das mãos dos ricos para os novos ricos, dos agricultores para os exportadores, gerando, simultaneamente, riqueza e pobreza (SOUSA, 2001). Acostumada a crises, como as dos anos um, (ASMAR, 1983) a região se depara, no início da década de 80 do século passado, com a mais grave e devastadora delas, a da vassoura-de-bruxa, causada pelo fungo *Crinipellis perniciosa*, que, associado aos baixos preços internacionais do cacau, reduz drasticamente a produção, destruindo “impérios”, provocando miséria e pobreza, levando a região a buscar outros caminhos para a atividade econômica.

Uma das saídas é o turismo. Com parte de suas riquezas naturais parcialmente preservadas por conta da cacauicultura, de belas praias, muitas ainda pouco exploradas, de rica memória historiográfica, da paradisíaca imagem construída pela literatura, pela televisão e pelo cinema a região busca outros caminhos.

A capitania de São Jorge dos Ilhéus agora é memória, é patrimônio histórico, embora ainda pouco explorado, que ajuda a formatar o produto turístico Costa do Cacau.

Mais de 500 anos de divergência a heteronormatividade

No Brasil, a prática da homossexualidade remonta aos primeiros habitantes. Em 1576, o português Pero de Magalhães Gândavo já observara entre os índios brasileiros tal conduta. O botânico alemão Carl Friedrich von Martius, que esteve por estas terras no princípio do século XIX, declarou, em 1843, que os descobridores do Brasil ficaram assombrados ante a constatação dos autóctones “maculados pelo *peccatum nefandum* e pela antropofagia”. O pesquisador Abelardo Romero, em seu livro *Origem da imoralidade no Brasil* (1967), afirma que nada mais chocava os cristãos que chegaram por aqui que a prática do “pecado nefando”, “sodomia” ou “sujidade” que “grassava há séculos, entre os brasis, como uma doença contagiosa”, que por causa do “pansexualismo ao mesmo tempo libidinoso e cândido” apelidou os silvícolas do Brasil de “devassos no paraíso” (TREVISAN, 2004:65).

Vainfas aponta que Gabriel Soares de Souza, num dos capítulos do seu memorial sobre o Brasil da época do descobrimento, tratando do que “pouquíssimos ousavam falar”, registrou que os tupinambás eram “muito afeiçoados ao pecado nefando” do “qual não se envergonhavam e o que “servia de macho, dele se vangloriava, tomando essa “bestialidade

por proeza” ao passo que alguns efeminados armavam tendas e se faziam de “mulheres públicas” (VAINFAS, 1998:34).

Ainda o mesmo autor, de igual modo, assinala que a prática da homossexualidade era recorrente entre as índias, citando que o jesuíta Pero Correia insinuara que “também algumas índias afeiçoavam à sodomia, guerreando como os homens, casando-se com mulheres, e ficando mesmo injuriadas se não as tomassem por machos” (VAINFAS, 1998:34).

Também é verdade que parece que não era apenas os silvícolas brasileiros que utilizavam de tais práticas. Em carta datada de 06 de janeiro de 1550, endereçada a um dos seus superiores hierárquicos, o jesuíta Padre Manoel da Nóbrega (*apud* SALES, 1981:10) comentava:

[...] os homens que aqui vêm não acham outro modo senão viver do trabalho dos escravos, que pescam e vão buscar-lhes o alimento, tanto os domina a preguiça e são dados a cousas sensuais e vícios diversos e nem curam de estar excomungados, possuindo os ditos escravos (grifos nossos).

Ora, é certo que os “abusos sexuais” não se limitavam às praticas divergentes da heteronormatividade, mas, para o cânone de uma Igreja que dava curso a seu programa hegemônico através da Contra-reforma, a prática homossexual era de fato um dos mais graves “pecados”, aliás, o pior deles, o *pecado nefando*, motivo para que seus praticantes recebessem uma das piores penas da Igreja, a excomunhão. Por conta disso, tudo leva a crer, que o iniciano estava, de fato, se referindo a práticas homossexuais, ainda mais se levarmos em consideração que ele utilizou a palavra “escravo”, no masculino. Para um erudito formado em Cânones parece inviável supor o grosseiro erro de gênero.

O “desregramento” das condutas sociais e, claro, sexuais nas possessões portuguesas do Continente Americano foi, decerto, uma das razões que motivaram a vinda da Inquisição para o Brasil, aliás, a única das colônias de Portugal a receber tal visita.

Na Bahia e no Nordeste brasileiro a Inquisição esteve por duas vezes, como já mencionado, entre os anos de 1591 e 1620 e várias confissões e denúncias de práticas homossexuais foram feitas ao Santo Ofício.

A pesquisadora Janete Ruiz de Macedo em sua tese de doutoramento pela Universidade de Leon, Espanha, *Ideologia e controle no Brasil colonial 1540 -1620* (1999) aponta que durante a primeira visita da Inquisição a Ilhéus, alguns casos de práticas homossexuais foram confessadas ou delatadas ao inquisidor. Caso da Sra. Guiomar Pinheiro (MACEDO, 1999:680) que

[...] acusou-se de praticar a sodomia com a esposa do alcaide (de Ilhéus) Pero Madeira, (Quitéria Séqua). Quando o fato sucedeu, Guiomar tinha apenas, oito anos e foi agarrada, lançada na cama, onde suas fraldas foram levantadas e, com os vasos naturais ajuntados, tivera deleitação por espaço de tempo.

Também assinala a pesquisadora o caso de outra dupla de moradoras de Ilhéus delatadas à Inquisição (MACEDO, 1999: 680), “[...] que exercitava a mesma prática. Era a jovem Ana Cunha e D. Catarina Quaresma, que alternavam-se nas posições de incubos e sucumbas, sendo por isso processada D. Catarina que recebeu penitências espirituais e multas”.

As divergências a heteronormatividade que a Inquisição apurou na Capitania de São Jorge dos Ilhéus não se limitou às práticas de lesbianismo. Entre os “sodomitas masculinos, estavam Mateus Salvador, que habitava em Tinharé e o índio forro, Luiz que servia a Ana Luiz, em Itaípe” (MACEDO, 1999: 693).

Tanto o índio forro Luiz quanto Mateus Salvador foram delatados na primeira visitação do Santo Ofício. O primeiro, segundo o livro das Denúncias da Bahia - 1591-1593, (1925:458) foi denunciado em 25 de agosto de 1591 pelo “cristão velho inteiro” Ignacio de Barcellos, que disse saber (MACEDO, 1999: 693)

[...] que há fama publica na dita capitania dos Ilheos e ouve geralmente de boca de todos que Luiz índio deste Brazil forro, que serve a Ana Luiz viúva la moradora. onde chamão Taipe, he somitigo, sendo paciente em lugar de fêmea o qual he moço de idade de arredor de dezoito annos (sic).

O segundo foi denunciado pelo “cristão velho natural de Guimarães” (sic), Manuel de Freitas, em 03 de agosto de 1591 (MACEDO, 1999: 271), dizendo que

[...] no ditto lugar na fazenda de André de Brito está um mulato foro per nome Matheus Duarte que já pinta de branco e he fama publica que esteve preso nesta cidade pello pecado nefando de sodomitico e que fugiu da cadea antes de ser livre e que geralmente totos se escandalizão deste seu caso (sic).

Mais adiante, comentando sobre a literatura homossexual em nosso país, o poeta e jornalista Antonio Júnior escreveu em *A persistência do desejo – uma síntese da Literatura Gay Brasileira* (JÚNIOR, 2003: 02)

O solitário baiano Sosígenes Costa, criador de “Iararana”, [...], teve sua homossexualidade abafada durante décadas e quando há dois anos toda a sua obra foi relançada graças ao aval de José Paulo Paes não encontrei nenhum estudioso com valentia de comentar sobre sua sexualidade, o máximo que foi dito foi que ‘não é importante para a compreensão de sua poética (grifos do autor).

Ainda segundo o jornalista, a região também dispõe de Valdelice Pinheiro (1929-1993), poeta de grande produção, professora de Filosofia e uma das fundadoras da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI, hoje Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, “[...] um dos nomes mais importantes na literatura lésbica brasileira” (JÚNIOR, 2003:02).

Na década de 70 do século passado, o movimento *gay* da região, já “fora do armário”, no bojo dos concursos que elegiam *misses* e rainhas, ainda enfrentando o preconceito, promove o *Miss gay* do Cacau, com propósito, também, de eleger sua representação de beleza regional. (ANDRADE-BREUST, 2003).

O concurso ainda foi editado em outros anos e em outros espaços de Itabuna, sempre com atrações famosas do eixo Rio de Janeiro - São Paulo - Salvador, principalmente das boates *gays*, mas, foi através das “paradas” que *gays*, lésbicas e simpatizantes ganharam as ruas, em forma de movimento, protestando festivamente sobre direitos civis e cidadania.

Itabuna realiza a parada *gay* há três edições e Ilhéus, há duas. Nos dois municípios tais eventos, que têm apoio do poder público, são organizados por grupos de destacada atividade no meio homossexual, na luta pelos direitos da classe e em ações educativas e assistenciais de combate das DST/ AIDS¹. Em Itabuna o movimento é organizado pelo grupo Humanus e em Ilhéus pelo grupo Eros.

Turismo GLS: uma possibilidade econômica para a Costa do Cacau

Como já foi sinalizado, a atividade turística vem sendo apontada como uma das possíveis soluções para os graves problemas que a Costa do Cacau, sul da Bahia. Entretanto, economicamente, o turismo ainda é incipiente e pouco expressivo na referida região. Para se ter uma idéia, por exemplo, a receita do município de Ilhéus com a atividade, segundo o anuário estatístico da EMBRATUR, em 2004, foi de apenas US\$ 76,52 milhões, enquanto a de Porto Seguro foi de US\$ 295,16 milhões e a de Salvador de US\$ 607,37 milhões (EMBRATUR, 2005).

Em turismo, no dizer de Beni (1998), a segmentação de mercado se consolida como viabilidade econômica por proporcionar enormes vantagens, como economia de escala para as empresas turísticas, aumento da concorrência no mercado, criação de política de preço e de propaganda especializada.

¹ Doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, o público GLS, de grande poder discricionário, desprenhe maiores gastos com o turismo que qualquer outro se torna em um interessante atrativo. O setor, inclusive, já aprendeu a chamar informalmente o dinheiro do público homossexual de “*Pink Money*”. Nos Estados Unidos, cerca de US\$ 17 bilhões circulam por ano, em serviços deste segmento turístico. (OLIVEIRA, 2002).

Embora de forma incipiente e isolada, sem necessariamente constituir-se num produto, e sem a utilização dos potenciais histórico-culturais da região, Itacaré, o destino turístico mais visitado da Costa do Cacau, teve nos últimos três anos um aumento no turismo local em média 37%, possui oferta e demanda turística para o público GLS².

Em Ilhéus, a única iniciativa em se criar um atrativo para o público GLS não logrou sucesso. Em meio a uma campanha de *marketing* mal elaborada, proposta indefinida e sem planejamento, mão-de-obra sem qualificação e empreendedores pouco preparados, surgiu, em 2006, o primeiro meio de hospedagem explicitamente destinado ao público GLS, o Resort Jardim Atlântico que por problemas de gestão, ainda no primeiro semestre daquele ano, abandonou tal proposta.

Já Arraial D’Ajuda, no município de Porto Seguro-BA, de olho neste filão, se apresenta como “o roteiro GLS mais charmoso do Brasil”³.

Outros destinos brasileiros têm se organizado para atrair o segmento. É o caso de Florianópolis, Bonito e Manaus. Entretanto, São Paulo é quem mais fatura com o público GLS, sendo a atividade de maior impacto no ISS⁴ do município (G MAGAZINE, 2006:57).

Considerações finais

O novo ordenamento das relações em sociedade tem nos apontado que de um mundo multicultural passamos a outro intercultural e globalizado, onde se supõem a aceitação do heterogêneo (CANCLINI, 2005).

Neste propósito, o turismo se apresenta como uma das atividades mais interculturais, exatamente porque se realiza através da interação social, onde a cultura, a história e o ambiente subsidiam as relações de trocas (MOESCH, 2002).

Nesse sentido, a Costa do Cacau, território que vem buscando no turismo uma possibilidade econômica, apresenta-se como lócus privilegiado, dado as suas características

² Disponível em http://veja.abril.com.br/especiais/melhor_brasil_2005/p_026.html.

³ www.beachmagazine.com.br

⁴ Imposto sobre serviço

naturais, culturais e históricas, para instaurar, a partir da atividade turística, esse ambiente intercultural, ampliando-se como atrativo GLS.

Entretanto, é necessário resgatar sua memória, interpretá-la, buscar releituras, novos entendimentos, revisitações, até mesmo porque entendemos que “a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história” (NORA, 1993:17).

Na questão específica da temática GLS, é necessário ainda ter em mente que a sexualidade, sobretudo nos últimos dois séculos, foi alvo do olhar de religiosos, cientistas, médicos, educadores..., e transformada em discurso com vistas a sua normatização, vigilância e controle.

Por isso é preciso compreender que os mais de 500 anos de divergência à heteronormatividade na Costa do Cacau, mais que história é memória, está viva, sempre carregada por grupos vivos e vulnerável a todos os usos e manipulações (NORA, 1993), podendo muito bem ser utilizado como construto de um produto turístico, que tem demanda e visível potencialidade econômica, pois, como no dizer de COBRA (1998), mais que qualquer outro produto ou serviço, o turismo se faz por meio de segmentação decorrente dos objetivos das pessoas que se entregam a tal atividade.

Assim sendo, municípios como Ilhéus, Canavieiras e Itacaré, que vêm tentando implementar o turismo como mais uma atividade econômica, poderia se beneficiar neste concorrido mercado, se, concomitantemente as suas belezas naturais, infra-estrutura e políticas adequadas, procedessem a interpretação desse patrimônio histórico, a partir de uma leitura atual e respeitosa para com as diferenças sexuais, objetivando a atração do segmento GLS.

Referências

- ANDRADE-BREUST, Adriana Dantas. **Itabuna: história e estórias**. Ilhéus: Editus, 2003.
- ASMAR, Selem Rachid. **Sociologia da Microrregião Cacaueira**. Itabuna: Itagraf, 1983.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 28 ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- COOPER, C. et al. **Turismo princípios e prática**. 2 ed. São Paulo: Artmed Editora, 2001.
- CUNHA, Lílian. **O poderoso mercado gay**. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoedinheiro/457/negocios/poderoso_mercado_gay.htm
Acesso em 23 jun. 05

- EMBRATUR. **Anuário Estatístico 2004**. Volume 32. Brasília: Ministério do Turismo, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- Gays procuram turismo de qualidade sem constrangimentos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20/jun/00. Caderno de Turismo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/srr/turismo/2000/jun/20/187.htm>> Acesso 10/jul/00.
- GUERREIRO, Antonio e PARAISO, Maria Hilda Barqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul – Ilhéus (1534-1940)**. Ilhéus: Editus, 2001.
- JÚNIOR, Antonio. **A persistência do desejo – uma síntese da literatura gay brasileira**. Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/gls/gls001.htm>>. Acessado em out. / 2005.
- MACEDO, Janete Ruiz. **Ideologia e controle no Brasil colonial – 1540 -1620**. 1999. 827 f. Tese (Doutorado) Departamento de Estudos clássicos – Universidade de Leon – Espanha, 1999.
- MOESCH, Marutschka Maryini. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- NORA, Pierre. Entre memória e história – A problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História da PUC, 10 dez. 1993.
- O MELHOR DO BRASIL. **Veja edição especial – dez 2005**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/especiais/melhor_brasil_2005?p_026.html >. Acessado em 02 jul. 06.
- O roteiro GLS mais charmoso do Brasil. Disponível em <www.beachmagazine.com.br>. Acesso 20 jun.06.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Turismo para Gays e Lésbicas - uma viagem reflexiva**. São Paulo: Roca, 2002.
- RANIERI, Gustavo. **Turismo GLS em Itacaré**. Disponível em: <<http://gonline.uol.com.br/livre/turismog/turismog.asp?UF=&IdCidade=22>> Acessado em 22 abr. 06.
- REVISTA G MAGAZINE. São Paulo: Fractal edições, ed. 105, junho de 2006.
- RIBEIRO, André Luiz Rosa. **Família Poder e Mito: o município de Ilhéus (1880-1912)**. Ilhéus: Editus, 2001.
- _____. **Memória e Identidade: reformas urbanas e arquitetura cemiterial na região cacauera**. Ilhéus: Editus, 2005.
- SALES, Fernando. **Memória Histórica de Ilhéus**. São Paulo: GRD / Prefeitura Municipal de Ilhéus. Ilhéus: 1981.
- SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 68 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- VAINFAS, Ronaldo. **Moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. 1ª.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1998.